

SUMÁRIO

Prefácio à primeira edição 11

Introdução 13

PARTE I — PSICOTERAPIA DA RELAÇÃO

1. Psicoterapia da relação 19
2. Psicodrama interno 53
3. Freud, Moreno e a bossa-nova — Elementos
de psicologia relacional 73
4. Ainda sobre a matriz de identidade 107

PARTE II — PSICODRAMA, PSIQUIATRIA E MEDICINA

5. O doente, a doença e o corpo — Corpo físico,
psicológico e energético 121
 6. Psicologia do adoecer 128
 7. Psicoterapia e medicação 143
 8. Diagnóstico da personalidade e distúrbios de identidade ... 150
- Apêndice: Personalidade psicopática segundo
Kurt Schneider 160

PARTE III — PSICODRAMA, DINÂMICA DE GRUPO E PSICOTERAPIA

9. A pluralidade do psicodrama — Psicoterapia da relação, psicoterapia de grupo relacional psicodramática e psicodrama	171
Apêndice: O protagonista branco — Considerações sobre emergentes grupais	180
10. Tendências da psicoterapia — O lugar do psicodrama	183
11. Os papéis de colonizado e de colonizador — Por uma identidade do psicodrama brasileiro	201

PARTE IV — PSICODRAMA E SEXUALIDADE

12. A sexualidade como instrumento relacional	217
13. Identidade sexual	232
14. Sociometria sexual — Formas de sexualidade	241
15. Sexualidade e evolução pessoal	248

PARTE V — REVISITANDO

16. Revisitando Moreno (1974-1992)	259
1. O psicodrama e a psiquiatria	259
2. Psicodrama ou neopsicodrama? (1992)	272
17. Revisitando a terapia de família (1975-2000)	287
1. Abordagem psicoterápica de famílias — Sociodrama familiar (1975)	287
<i>José Fonseca e Maria Amalia Faller Vitale</i>	
2. Um novo olhar: abordagem psicoterápica de famílias — Sociodrama familiar (2000)	301
<i>Maria Amalia Faller Vitale</i>	

PARTE VI — PSICODRAMA E SOCIODRAMA PÚBLICO — SESSÕES
ABERTAS DE PSICOTERAPIA

18. Sessões abertas de psicoterapia: refletindo a experiência ...	309
<i>Maria Amalia Faller Vitale e Mery Cândido de Oliveira</i>	

19. Sessões abertas de psicoterapia: os benefícios do ponto de vista do público	319
<i>Fábio Schmidt Goffi Junior</i>	
20. Estratégias de direção grupal	334
<i>Anna Maria Knobel</i>	

PARTE VII — PSICOTERAPIA INDIVIDUAL DE CRIANÇAS

21. Psicoterapia por meio da relação	351
<i>Silvia Regina Antunes Petrilli</i>	
<i>Referências bibliográficas</i>	385

PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO

José Fonseca é liderança fecunda entre psiquiatras, psicólogos, médicos e terapeutas, tendo sido o inspirador e o êmulo para a fundação da Federação Brasileira de Psicodrama no ano de 1976.

Sonhou com uma editora de temas psicodramáticos e a concretizou em 1980 com o nome de Editora Ágora, que hoje se encontra em mãos competentes e atentas à intenção inicial do empreendimento.

De sua carreira de professor universitário, feita na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), onde foi coordenador da Residência Médica em Psiquiatria, trouxe a vocação de ensinar para o Daimon — Centro de Estudos do Relacionamento, inaugurado por ele em 1984.

Sempre cavalheiro no trato pessoal e assertivo nas convicções que lhe são próprias, Fonseca organizou sua prática com clareza de ideias, eficiência clínica e percurso ético irrepreensível. O movimento psicodramático, particularmente, tem tirado proveito de sua presença intelectual, que deixa marcas afetuosas e leais por onde passa, no Brasil e no exterior.

Este livro, em boa hora lançado pela Ágora, foi aguardado, e até mesmo exigido, pelos que acompanham a evolução de seu pensamento, posto na plenitude da maturidade e responsável por contribuições oportunas no entendimento do psicodrama a ser exercido neste início de século XXI. Uma obra que já fazia falta.

Mas Fonseca vai além: une o seu nome à criação de propostas originais, oferecendo-nos a psicoterapia da relação e o psicodrama interno como formas de cuidar do paciente em tratamento individual, fora do pequeno grupo que era, até então, o objetivo de J. L. Moreno. Sobressai, ainda, no texto, a inteligente leitura psicodramática da psicanálise, a partir do que essas matérias têm em comum, a universalidade/singularidade das relações humanas.

Com esses destaques, saúdo o lançamento do livro, justa comemoração de uma travessia profissional que se faz criativa e influente.

Wilson Castello de Almeida

INTRODUÇÃO

Este livro compreende meu percurso profissional. É constituído pela maioria dos textos que escrevi, em parte publicados, sobre psicoterapia e psicodrama. Deixei de lado os artigos sobre psiquiatria clínica, com exceção do apêndice do Capítulo 8, “Personalidade psicopática segundo Kurt Schneider”, por julgar que apresenta interesse, pelo menos histórico, em relação aos distúrbios narcísicos da personalidade (distúrbios de identidade, segundo minha proposta). Deixei também de incluir os trabalhos sobre psicoterapia analítica de grupo que representam meu período pré-psicodramático. Na verdade, o apêndice do Capítulo 9, “O protagonista branco”, evoca minha passagem para o psicodrama. Este volume compreende trinta anos de muitas inquietudes e algumas ousadias.

A Parte I, “Psicoterapia da relação”, descreve minha forma de trabalho psicoterápico ao mesmo tempo em que procura justificá-la teoricamente. Na Parte II, “Psicodrama, psiquiatria e medicina”, agrupo quatro textos que se afinam com o tema. Na Parte III, “Psicodrama, dinâmica de grupo e psicoterapia”, discuto a posição e a situação do psicodrama em várias intersecções. Na Parte IV, “Psicodrama e sexualidade”, publico meus escritos sobre sexualidade, os quais circularam muito tempo sob a forma de apostilas. Na parte V, “Revisitando”, o leitor encontrará um cotejo de opiniões separadas por um intervalo de mais ou menos vinte anos. A Parte VI, “Psicodrama e sociodrama pú-

blico — Sessões abertas de Psicoterapia”, contém o relato de queridos companheiros: Anna Maria Knobel, Fábio Schmidt Goffi Jr., Maria Amalia Faller Vitale e Mery Cândido de Oliveira, colaboradores deste livro no que ele possa ter de melhor; eles discutem o trabalho desenvolvido em sessões públicas e a estratégia em dirigi-las. Na Parte VII consta a contribuição de Silvia Regina Antunes Petrilli sobre a psicoterapia de crianças, “Psicoterapia por meio da relação”, de acordo com de uma abordagem que se coaduna com o teor do livro.

A estrutura deste livro, formado pela reunião de textos redigidos em diferentes épocas, favorece que um mesmo tema, como minhas concepções sobre o desenvolvimento psicológico, seja reapresentado, com enfoques distintos, em mais de um capítulo. Isso acontece, por exemplo, nos Capítulos 3, 4, 6, 8 e 12. Espero que esse fato seja compreendido como resultado de ideias que se desenvolveram no decorrer do tempo e não como mera repetição.

Permitam-me ainda um breve comentário sobre o subtítulo do livro: *Elementos de psicodrama contemporâneo*. Utilizei pela primeira vez a expressão no artigo “Psicodrama ou neopsicodrama?” (1992), que agora integra o Capítulo 16, no qual observo que a prática psicodramática atual é muito diferente da que Moreno realizava e acrescentamos à teoria da técnica seriam bem-vindos. Comento ainda que, apesar do título, não estava propondo a mudança da palavra *psicodrama* para *neopsicodrama*. Se tivesse de fazer alguma proposta, seria a de incluir a palavra *contemporâneo*, para definir novas formas do fazer psicodramático, como, por exemplo, a *psicoterapia da relação* aqui descrita. Passados alguns anos, vejo que a denominação passa, coincidentemente, a ser utilizada por outros psicodramatistas, o que no mínimo me deixa bem acompanhado. David Kipper (1997), psicodramatista radicado em Chicago, utiliza o seguinte título para uma série de publicações sobre novos modelos de psicodrama: “Psicodrama clássico e *contemporâneo*: uma psicoterapia de ação multifacetada”.

Gostaria de finalizar agradecendo, em primeiro lugar, a todos os que de várias maneiras, mesmo sem o saber, como meus pacientes me ajudaram a concretizar este livro. Agradeço também aos integrantes do Grupo de Estudos de Psicodinâmica (GEP), Grupo de Estudos de Moreno — GEM —, do Daimon, supervisionandos e alunos, que me

servem de constante inspiração. Aos amigos Antonio Carlos Cesarino, Cíntia Buschinelli, Luís Russo, Therezinha Paula Esteves e Wilson Castello de Almeida, pelo interesse e pelas valiosas sugestões. A Marília Pontes Sposito, que, além de amiga, foi uma competente orientadora em relação à disposição geral do livro. A Nicola Giannini (*in memoriam*), Ida de Souza Fonseca Giannini e Magnólia Costa, que, ao corrigirem meus escritos, despertaram-me o gosto pelo vernáculo. A Márcia Maria Pereira Pisani (*in memoriam*), que datilografou grande parte dos escritos e estaria contente em ver sua publicação. A Sandra Helena Rocha da Cruz pela digitação, organização e encorajamento. Aos colegas do Daimon, pelo incentivo e companheirismo. Ao Pedrinho, que possibilitou a observação do desenvolvimento neuropsicológico do bebê com alegria. E a Maria Amalia, é claro, que leu, sugeriu, criticou e acompanhou com carinho minhas crises de narcisismo contrariado.

O autor

PARTE I

PSICOTERAPIA DA RELAÇÃO

1

PSICOTERAPIA DA RELAÇÃO*

A soul is never sick alone, but always through a betweenness, a situation between it and another existing being.

Martin Buber

Antes de tudo, gostaria de expor a forma como venho trabalhando em psicoterapia individual há alguns anos. Na verdade, essa maneira de trabalhar surgiu espontaneamente, alimentada pelas influências técnicas e teóricas que recebi ao longo do meu percurso profissional. Quando me dei conta, trabalhava em um enquadramento que, se não era o da psicoterapia psicanalítica, tampouco era o do psicodrama clássico. Este método apresenta, no entanto, nítidas influências do psicodrama, a ponto de se poder dizer que é derivado dele. Passo então à tentativa de sistematização do método. Antes, porém, gostaria de explanar que a denominação *psicoterapia da relação* tenta transmitir que se refere a uma psicoterapia que privilegia, por um lado, o trabalho da relação paciente-terapeuta e, de outro, o trabalho das relações do mundo interno do paciente, ou seja, se envolve nas relações *eu-tu* e *eu-eu*. Psicoterapia da relação foi também a denominação que os psicoterapeutas alemães Von Weizsäcker e Trub (*apud* Friedman, 1960) deram à psicoterapia baseada na filosofia dialógica de Martin Buber, autor que também influenciou minhas concepções sobre psicoterapia.

Paciente e terapeuta, independentemente da linha psicoterápica, coparticipam de um encontro humano, envolvidos em papéis de categorias diferentes. Um está buscando ajuda de algum tipo, o outro,

* Publicado na revista *Temas*, v. 21, nºs 40 e 41, pp. 113-20, 1991.

trabalhando. O terapeuta está a serviço do outro (paciente). Isso constitui um vínculo não igualitário formado por papéis não igualitários, o qual demarca, em princípio, as características básicas da relação. Apesar disso, ambos constituem uma relação horizontal, incluídos no mesmo clima, o *inter*, que é o caldo de cultura necessário para o desenvolvimento do processo do *ser* (em contraposição ao *parecer*). A qualidade em saber criar essa condição marca a eficácia do psicoterapeuta.

Quando a personalidade começa a formar-se (na matriz de identidade), ela se estrutura em alguns poucos *traços principais* e em vários *traços secundários*. O *arranjo* desses traços descreve as características básicas do indivíduo. Os traços apresentam um lado positivo e um lado negativo onde se localizam as defesas (amortecedores). Assim, por exemplo, no jargão psiquiátrico, um obsessivo apresenta, no lado positivo, elementos de ponderação, organização, planejamento, limpeza etc. e, no lado negativo, a intelectualização, a ruminação mental, o distanciamento afetivo, a compulsão à ordem e à limpeza, a loucura da dúvida etc. O trabalho psicoterápico, com os dois lados do *traço principal*, busca uma harmonização de funcionamento. O *traço principal* não muda, é a marca registrada da pessoa. Tenta-se, no entanto, trabalhar as cargas negativas e liberar as potencialidades positivas inerentes ao traço.

A psicoterapia da relação propõe-se como uma ação pragmática da observação e da compreensão do fenômeno relacional. O diagnóstico (no sentido de conhecimento) do *inter* é o meio para atingir o diagnóstico de si mesmo, ou a consciência de si mesmo (*eu*). Busca-se o desenvolvimento do *eu observador*, que é o caminho que conduz da autoimagem distorcida para o *eu verdadeiro*. O *eu observador* é um olho, um terceiro olho, que não julga, não critica nem elogia: ele constata. O *eu global* é formado por uma infinidade de *eus parciais*, internalizados, que clamam por ser descobertos e se expressam por meio dos papéis.

A psicoterapia da relação ocorre em três momentos: centrada no cliente (em suas relações na vida), centrada na relação paciente-terapeuta, ou centrada no terapeuta, sendo que este recebe, sente e emite terapeuticamente. Acredito que os dois primeiros momentos sejam óbvios. Para exemplificar uma situação em que a sessão está centrada

no terapeuta (em seu depoimento pessoal), cito uma passagem. Um paciente que falta ou se atrasa constantemente pode receber a seguinte colocação: “Apesar de poder compreender as motivações de suas ausências, devo dizer que é penoso relacionar-me com uma pessoa assim. Desanima um pouco. Será que as pessoas de suas relações também não se sentem dessa forma? Se não se sentem, é porque fazem complemento à sua dificuldade de entregar-se à relação”.

As linhas filosóficas que norteiam a psicoterapia da relação são reveladas:

1. por uma atitude fenomenológico-existencial;
2. pela psicologia relacional (visão do homem pelo estudo de suas relações: *eu-eu*, *eu-tu*, *eu-ele[a]*, *eu-nós*, *eu-vós*, *eu-eles[as]*). Essa é a postura preponderante das obras de Moreno, Buber, Bowlby, Laing e, parcialmente, da de Freud, no que concerne ao complexo relacional da transferência e do triângulo edípico;
3. pela psicologia da consciência, que procura focalizar o ser humano em um determinado momento de vida, segundo as diferentes possibilidades de graus de consciência desse momento.

O psicoterapeuta da relação é um misto do diretor de psicodrama e ego-auxiliar, ou, se quiserem, um ator terapêutico. Para isso, se requer conhecimento de psicodinâmica e treinamento psicodramático.

A qualidade dramática (refiro-me à qualidade dramática como um dos componentes da espontaneidade, segundo Moreno) do terapeuta norteia sua fluência no desempenho de papéis requisitados pelo paciente. As cenas são desenvolvidas em *ações dramáticas*, dispondo-se o terapeuta a jogar papéis internalizados do paciente. As cenas são desenvolvidas preponderantemente no *aqui e agora* da sessão, ou seja, presentificadas. Não há marcação ou montagem de cena. Não existe ação corporal entre terapeuta e paciente no jogo de cena (paciente e terapeuta não se tocam durante as cenas). Assim se procede para evitar a indução transferencial ou um comprometimento emocional desnecessário. No psicodrama clássico, as cenas são desenvolvidas entre protagonista e egos-auxiliares, permanecendo o diretor à distância. Essa distância, necessária para o trabalho, é preservada na

psicoterapia da relação com o terapeuta desempenhando papéis, mas não se envolvendo fisicamente nas cenas. O contato corporal, quando há, e se houver, não deve estar disfarçado por outros papéis que não os inerentes à situação básica (terapeuta-cliente). Em outras palavras, o toque físico do terapeuta, esteja investido ou não de papéis internalizados do paciente, soará sempre como o contato da pessoa do terapeuta. Isso decorre da situação especial que caracteriza a posição do psicoterapeuta na vida de seu paciente.

O *desempenho de papéis* (internalizados do paciente) pelo terapeuta, em vez de confundir, permite uma discriminação mais fácil entre as figuras internalizadas e a figura real do terapeuta (pelo menos para pacientes fora de surto psicótico). Eventuais transferências, em relação ao terapeuta, ficam desta forma mais bem visualizadas.

A psicoterapia da relação não instiga a transferência nem pelo *setting* (*vis-à-vis*), nem pelo silêncio nem por meio de pararrespostas. Isso não significa que se evite a transferência. Em relação ao terapeuta, esta é uma oportunidade muito rica, transcorrida ao vivo, que permite ao paciente ampliar a discriminação e a consciência de seu mundo interior. Aguarda-se, no entanto, que surja naturalmente, por decorrência implícita da relação terapêutica. Sabemos que o processo psicoterápico (longo e de contatos reiterados) induz a reações transferenciais transitórias ou à neurose transferencial. Ambas as possibilidades são trabalhadas para o retorno ao espaço télico. Neste existem condições para lidar com as relações transferenciais internalizadas ou *autotransferência*¹. Busca-se, portanto, a *autotele* (maior índice télico possível em relação às figuras internas). A *aliança de trabalho* (Greenson, 1982) insere-se no espaço télico.

O terapeuta se conduz pelo *princípio do duplo* (estado de sintonia télica) e pelo *princípio da entrega* (por extensão, ao *princípio do duplo*) ao papel desempenhado. O terapeuta da relação não parte de hipóteses teóricas, apenas mergulha no papel em jogo. Desta maneira, flui tudo o que ele capta, consciente e inconscientemente, do paciente. Além do contato consciente-consciente, há um contato inconsciente-inconscien-

1. Ver comentário sobre *autotransferência* no Capítulo 5, “O doente, a doença e o corpo”.